

LER EM MEIO À PANDEMIA: RESSIGNIFICAÇÕES E NOVOS ESPAÇOS DE LEITURA LITERÁRIA

Ana Paula Gomes Rosa¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a leitura literária que é realizada em meio à pandemia da Covid-19, tendo como ponto de partida as *lives* e os vídeos de leitura que circulam com maior frequência em plataformas, como Youtube e Instagram, com o intuito de incentivar a leitura de determinadas obras e de fomentar o gosto pela leitura. Assim, este estudo fundamenta-se em Zilberman (2009), Lajolo (1982, 1996), Cosson (2014) e Freire (2011), cujos olhares se voltam a pensar a leitura literária sob diversos prismas e contribuem com estudos e apontamentos ricos e profundos em conteúdo acerca do tema. Outros nomes, fora do cenário nacional, também se destacam por apresentarem estudos e contribuições valiosas sobre a leitura literária e seus significados, entre eles Eagleton (2019), Jouve (2002) e Barthes (1980, 1987), cujas produções e pesquisas também serão apresentados ao longo deste trabalho, a fim de analisar a leitura literária que é realizada nesse período de pandemia. A leitura realizada nesse período nos aponta para um cenário onde a leitura passa a ser atividade de escape, frente às situações de luto, dor e mazelas escancaradas pela pandemia da Covid-19, e outro aspecto que se pode extrair da leitura nesse novo momento é o fato de ela poder ser realizada de forma coletiva e a distância com interações, conectividade e de forma viável, o que a torna numa atividade coletiva profícua em meio ao isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária; ressignificação da leitura; cibercultura; pandemia.

ABSTRACT: This study aims to analyze the literary reading that takes place in the midst of the Covid-19 pandemic, having as a starting point the reading lives and videos that circulate more frequently on platforms such as Youtube and Instagram in order to encourage reading of certain works and to encourage a taste for reading. Thus, this study is based on Zilberman (2009), Lajolo (1982, 1996), Cosson (2014) and Freire (2011) whose views turn to thinking about literary reading under different perspectives and contribute to studies and notes rich and deep in content about the topic. Other names, outside the national scene, also stand out for presenting valuable studies and contributions on literary reading and its meanings, among them Eagleton (2019), Jouve (2002) and Barthes (1980, 1987) whose productions and research will also be presented throughout of this work in order to analyze the literary reading that is carried out in this pandemic period. The reading carried out during this period points us to a scenario where reading becomes an escape activity, in the face of situations of grief, pain and open ailments by the Covid-19 pandemic, and another aspect that can be extracted from reading in this new

¹ Mestranda em Letras, área de concentração: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - CAPES 5), Campus de Cascavel/PR (2020), bolsista (CAPES).

moment is the fact that it can be carried out collectively and at a distance with interactions, connectivity and in a viable way, which makes it a prolific collective activity amidst social isolation.

KEYWORDS: Literary reading; reinterpretation of reading; cyberculture; pandemic.

Introdução

A leitura de literatura desempenha um papel de destaque frente ao ato de formar sujeitos por subsidiar meios e formas de entender a si mesmo e de se expressar no espaço em que estão inseridos. Além disso, a leitura tem sido um elo para conectar pessoas, que em geografias diferentes e isoladas pela pandemia da Covid-19 se unem em leituras e discussão de obras.

Nesse sentido, a leitura de obras literárias e a discussão sobre como elas podem ser auxílio e companhia, em meio à pandemia da Covid-19 e do isolamento social, ocorrem com frequência nos espaços virtuais, que têm se potencializado durante a pandemia. A forma como a leitura tem sido realizada durante o atual contexto aponta para caminhos dos quais emergem inúmeros significados e atribuições a ela.

As leituras e os modos como elas se realizam e concretizam em meio à pandemia da Covid-19 nos apontam para um novo lugar e significado para a existência e sua compreensão. Assim, como pensar na permanência da literatura por meio da leitura? Podemos pensar numa mudança do seu papel?

A temática principal desse estudo nos situa em meio a um contexto muito atual e dinâmico da leitura e, de certo modo, novo, em que as situações, conteúdos e materiais emergem com frequência sob aparências e possibilidades inéditas e, por vezes, originais. Embora disponhamos de incontáveis pesquisas, estudos e trabalhos sobre a leitura literária, o contexto pandêmico tem criado um novo solo do qual se lançam novidades e possibilidades de realizar o que antes nos era normal ou trivial.

Como alternativa ao distanciamento social, que nos impossibilita de ir à escola e de participar de aulas, conversas e momentos corriqueiros da rotina escolar, utilizaremos redes sociais e plataformas destinadas à comunicação virtual como documentos desse período por todos vivenciado. Dentre as redes selecionadas, destacamos: Instagram, Facebook e Youtube, pois nelas ocorrem o compartilhamento de leituras, interesses por livros e *lives* destinadas à propagação de informações, discussões sobre obras literárias e demais assuntos relacionados à leitura, os quais foram motivados e impulsionados pela pandemia.

Pensar o lugar da leitura, em como ela é realizada em tempos de pandemia é, certamente, um tema que envolve diversas questões, perspectivas, razões e aspectos. Há quem diga e entenda que as *lives* ressignificaram nossa relação, por meio das mídias, com o conhecimento e, sobretudo, com as leituras. Esse recurso, de certo modo, abriu espaço e deu voz a temas, assuntos, etc, que em outro momento, ocorreriam de outro modo.

A interatividade com vistas à motivação, convite à leitura e apreciação de obras literárias tem encontrado nas redes sociais um solo fértil. Por meio de comentários e postagens, muitos usuários de redes sociais relatam se sentirem entusiasmados em ler, reler, indicar leituras e discutir obras lidas por trás das telinhas. Eles ainda conferem a essas práticas o título de “bem-vindas”, em virtude de em muitos casos encontrarem nelas o alívio de tensões, ansiedades e ociosidades desencadeadas pela pandemia de Covid-19. Além disso, enxergam nessas práticas

um convite à reflexão acerca das possibilidades e novas realidades que se expõem ao longo do caminho.

A leitura literária em tempos de pandemia é, nos dias atuais, um campo efervescente e dele emergem diversos conteúdos passíveis de análise e de estudo com vistas à compreensão mais ampla do lugar da leitura e dos significados atribuídos a ela. Ademais, tal panorama fornece um extenso material, rico em conteúdo e formas, que concede à leitura e aos meios virtuais um espaço diferente do usual.

Nesse sentido, pretendemos analisar a leitura literária no momento e o modo como ela tem sido tomada e sugerida pelos meios de comunicação, assim como as ressignificações atribuídas. Não objetivamos uma análise valorativa das leituras e de como têm sido realizadas, mas analisar e compreender os caminhos da leitura e sua influência na vida de leitores no período pandêmico.

Tendo em vista todo esse contexto de pandemia, a leitura literária emerge de diversas formas e com propostas e fins variados. Assim, consideramos necessário um estudo que trate de problematizar e de analisar as questões acima expostas.

1. Conceituando a leitura

Para situarmos nossa concepção sobre a leitura, recorreremos a diversos teóricos e estudiosos que se debruçaram sobre ela a fim de compreender os processos envolvidos. Jouve (2002, p.61) afirma que “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”. Isso significa que a leitura depende do leitor, mesmo que este, por sua vez, traga em seu interior uma recepção passiva.

Eagleton (2019, p.124), por sua vez, compreende que o sentido de obras literárias “[...] não depende tanto das circunstâncias em que surgiram. São intrinsecamente obras de final aberto, razão pela qual, entre outras, estão sujeitas a um amplo leque de interpretações.” O leitor é que concretiza e define o significado do texto que leu. Por isso, objetivamos analisar o modo como as leituras têm sido realizadas e interpretadas.

Zilberman (2009), ao refletir e traçar sua compreensão acerca da leitura, acentua que o olhar do leitor é peça fundamental para que ela seja realizada e cumprida. Para ela a leitura é como um processo de metamorfose, onde cada texto representa novos significados e novas possibilidades, e a leitura realizada gera, por sua vez, novos textos.

Conforme observa Lajolo:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não, assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere (LAJOLO,1996, p.28).

Segundo Lajolo (1996), a leitura é uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem, sendo praticada de diversas formas e métodos. Dessa forma, é possível tornar

a leitura mais do que uma prática obrigatória em sala de aula. Por meio de orientações que visem técnicas, métodos, metas, etc, a leitura pode se tornar mais produtiva.

Conforme Freire (2011), o indivíduo, antes de adquirir a leitura da palavra, já tem a leitura do mundo, mas esta só se completa e se descortina ao sujeito se este tem o domínio da palavra. E é através dessa afirmação que Freire nos revela e confirma que é através da leitura do mundo e de tudo aquilo que tem significado para o sujeito que se dá a leitura da palavra.

Cosson (2014), por sua vez, ao debruçar-se sobre a questão da leitura, aponta o ato de ler como uma atividade que consiste em:

[...] produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto (COSSON, 2014, p.36).

O autor enxerga a leitura envolta nesses quatro elementos: “leitor, autor, texto e contexto” (p. 36) a fim de conferir a ela um caráter contínuo e constante no processo de ler. Esse processo requer a busca e atribuição de sentidos por parte do leitor. Ler é tecer diálogos, interações e construções ricas em significado entre as sensações, emoções e pensamentos que são evocados durante a leitura. Tal reflexão assemelha-se ao que Barthes (1980) compreende sobre o ato de ler, que possibilita ao leitor:

Uma rede com mil entradas; seguir esse caminho é visar ao longe, não uma estrutura legal de normas e desvios, uma lei narrativa e poética, mas uma perspectiva (de restos, de vozes vindas de outros textos, de outros códigos) cujo ponto de fuga é misteriosamente aberto e, no entanto, continuamente transferido (BARTHES, 1980, p.17).

Ao ter contato com uma obra por meio da leitura e dela apreender sentidos, instruções e momentos de fruição, o leitor traz consigo uma gama de significados e experiências que se aproximam ou distanciam da obra lida. Isso significa que o leitor lê determinado texto com sua vivência e com certa pluralidade advindas de outros textos, integrando sua experiência leitora.

Barthes continua a falar sobre a leitura e, mais especificamente, sobre o prazer que se encontra no texto. Para ele, “o prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza” (BARTHES, 1987, p.11). Isso implica em ler por prazer, buscar uma leitura que afague a alma e traga satisfação à vida. Cabe ressaltar que este momento de prazer e euforia ao ler concretiza-se por meio da tríade leitor, autor e texto. O estudioso vai além e expressa que o

[...] texto de prazer é aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição é aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta, faz as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gastos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 1987, p.21).

A literatura serve de consolo ao mesmo tempo em que possibilita um olhar mais crítico ao direcionar-nos a questões e situações com uma compreensão mais ampla, a fim de romper com estruturas que outrora nos serviam como únicas e insubstituíveis. O texto literário sensibiliza e toca o humano, por vezes, confrontando-o. A leitura literária permite nossa expansão e, também, que nos apropriemos daquilo que o autor expressa como participação no mundo.

Acerca da leitura que nos transforma, Bloom (2001) sugere um caminho para que ela nos alcance e cumpra em nós seu papel de nos mudar e de nos transformar. Para o teórico, devemos perseguir “[...] uma fórmula de leitura: encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo” (BLOOM, 2001, p.18). É dessa forma que identificações com a obra serão estabelecidas e essa conexão, por sua vez, resultará na transformação, na mudança de seu leitor. Conforme discute Bloom (2001), a transformação que nos aguarda realiza-se nas esferas profissional e pessoal, por meio da leitura técnica feita com um objetivo específico e pela leitura motivada pelo prazer e deleite, que permite o autoconhecimento.

O teórico vai além e aponta que a leitura nos livra da presunção (BLOOM, 2001, p.20). Para ele a leitura coloca-nos em um lugar de constante ponderação e reavaliação do conhecimento, livra-nos de sermos fiscais da vida alheia, a fim de nos atermos ao autoaperfeiçoamento. A leitura é um meio poderoso de formar seres autônomos, críticos de si, do outro e ativos na construção e reconstrução de sua própria história. É ela que possibilita a expansão e alargamento de nossa compreensão e da capacidade de ler e refletir acerca de nós, do outro e do conhecimento. Conhecimento e prazer entrelaçam-se no texto literário. Paulino (2014) traz a seguinte compreensão acerca da leitura literária:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções (PAULINO, 2014)²

A experiência que a leitura literária possibilita contribui com a formação do leitor por agir diretamente sobre os gostos e preferências, bem como com a criticidade e fruição das leituras. O texto literário ao ser lido possibilita que pontes e vínculos se estabeleçam em formato de empatia e identificação. A leitura, que aparenta ser silenciosa, ferve dentro de seu leitor, significados atribuem-se a cada forma que se encontra e a cada vivência que se experimenta no desenrolar da história. Assim, a leitura ganha forma e sentidos, por ser um exercício que demanda o esforço reflexivo de quem nela embarca.

A literatura, conforme já foi pontuado e escrito por diversos teóricos, não deve atender a fim nenhum e também não deve ser rotulada com funções específicas que tendem a diminuí-

² Conceito disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-em-voz-alta>. Acesso em 03 jul. de 2021.

la ou pormenorizá-la. A literatura também não carrega em seu interior o papel de representar a sociedade. Ela age como um espelho côncavo, que refrata as imagens e realidades existentes, problematizando-as, denunciando questões e pessoas que ferem a humanidade e corroboram com uma imagem distorcida do que uma sociedade poderia ser.

Nesse sentido, não nos cabe neste estudo o papel de ditar o que é literatura ou para que ela serve, mas, sim, de dialogar com autores e teóricos sobre a leitura literária do ponto de vista social e de como ela atravessa o ser humano, levando-o a refletir e a olhar para si, a fim de se conhecer e se avaliar.

Tratamos, aqui, acerca da leitura literária e dentro deste recorte faz-se necessário pontuarmos questões essenciais acerca da literatura, que é o objeto do qual falamos ao referirmos à leitura de obras literárias. Assim, propomos a mesma pergunta feita por Compagnon (2009), em sua obra *Literatura para quê?* em que, ao dialogar com Calvino (1994, p.11), amplia o seguinte questionamento: “Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? (CALVINO, 1994. p.20)” e, em resposta, retoma um pensamento de Proust (2002, p.683), no qual assegura que é por meio da literatura que a vida verdadeira é experienciada de forma plena.

Para Proust (2002), a realização de uma vida bem vivida apenas se concretiza na literatura, para autor e escritor que, no processo de escrita e de leitura, entregam-se a ela de forma a viver sensações, aprendizados e experiências que, em muito, superam a vida cotidiana. É na leitura de obras literárias que podemos ver o mundo e outras situações e também a nós mesmos, além de elementos, por vezes ignorados, de nossa vida. O leitor se agracia com o privilégio de contemplar a experiência humana pelos olhos e escolhas de outra pessoa, que não ele, onde o aprendizado, deleite e realização de uma vida bem usufruída se tornam possíveis.

Ver a realidade pelo olhar de outro e conhecer um mundo outrora desconhecido para nós são portas e caminhos que a leitura literária, com sua linguagem sedutora, proporciona. A leitura suscita em seu leitor o desejo de questionar, de refletir, de ponderar sobre escolhas e ditames que uma sociedade delega para si sem interpelar.

Nesse sentido, para alguns, ler é perigoso por tirar o homem do estado de inércia de render-se a perspectivas limitadas ou simplistas sobre sua existência e o que está a sua volta. E, nesse sentido, o texto *O entre-lugar do discurso latino-americano*, de Silviano Santiago (2000) representa, com muita potência essa percepção da leitura como habilidade que potencializa o ser-humano. Em seus escritos, Santiago pontua com veemência que a leitura e a escrita são armas eficazes contra as armadilhas de poder do conquistador (SANTIAGO, 2000, p.16).

Em um contexto em que a doutrina religiosa e a língua europeia usurpavam um lugar que já era preenchido por crenças e por uma língua, a imposição de outra forma de se expressar e se relacionar com o sagrado eram formas de apagar os traços de uma cultura e dominá-la. Ler é uma resposta que abre caminho para o silenciamento da voz do colonizador, que busca suprimir a voz do outro, a fim de sentenciá-lo ao fim e à derrota. Nesse cenário e em tantos que a ele se assemelham, a leitura e a literatura são as formas mais sensíveis e belas de resistência.

A leitura literária é aquilo que nenhuma outra atividade ou experiência humana pode propiciar ou a que se pode equiparar. Ela representa ao homem formas de ampliar sua voz e, também, de tê-la, de perpetuar uma história e de contá-la, de vivenciar uma vida, que não a nossa, e dela extrair experiências, aprendizados e prazeres incomparáveis. A literatura atua como os óculos que permitem ver aquilo que se esconde ou que se vê de forma distante ou confusa. Ler, sobretudo literatura, permite ao homem o desconforto necessário para que ele saia

de seu lugar de comodidade e desambição, ajuda-o a ler a sociedade da qual faz parte e o insere em lugares e em realidades que, em meio ao seu cotidiano, seriam mera questão periférica ou de menor importância.

Para Escarpit (1970), a literatura fundamenta-se da seguinte forma:

A literatura existe. Ela é lida, vendida, estudada. Ela ocupa prateleiras de bibliotecas colunas de estatística, horários de aula. Fala-se dela nos jornais e na TV. Ela tem suas instituições. Seus ritos, seus heróis, seus conflitos, suas exigências. Ela é vivida cotidianamente pelo homem civilizado e contemporâneo como uma experiência específica, que não se assemelha a nenhuma outra (1970, *apud* Lajolo, 1982, p.5).

Ela é compreendida e lida por diferentes perspectivas e se revela de diferentes formas para cada um que dela se apropria. A literatura ganha significações e ressignificações múltiplas em cada sujeito. Para Heráclito, muito à nossa volta muda e de forma constante, o que temos diante de nós, em certo momento, difere-se do que já foi e do que virá a ser e, nesse mesmo movimento e transformação, a literatura age sobre o leitor. Não se é o mesmo antes, durante e após o contato com uma obra literária.

Imergir-se na leitura significa dela extrair sentidos para as vivências que se tem. O leitor, com as marcas da vida e do tempo, pode, na leitura, ressignificar sua experiência e, assim, ser transformado nessa troca e na entrega. Aprender e ser transformado pela leitura é, então, permitir viver essa troca, daquilo que vem da leitura, adentra no leitor e perpassa o texto. É nesse ir e vir da leitura/texto e leitor que estes se transformam e se aperfeiçoam.

Formar-se e se instruir com a leitura de obras literárias não significa buscar nos livros receitas e fórmulas que nos sirvam e atendam às nossas necessidades e anseios. Aprender com ela é, antes de tudo, situar-se como um ser autônomo e sensível ao fato de aceitar confrontar “suas verdades” com o texto que se desenrola a sua frente.

O sublime da leitura está em tocar a alma do humano. A leitura permite transcender, possibilita ir além do mundo que rapidamente perpassa sobre nós e nos tira o olhar para contemplar o belo, é no seu conforto que nos reparamos e estabelecemos conexões, pontes, relações, expandindo-nos.

A leitura e seus “poderes” continuam como alvo de questionamentos acerca de sua abrangência e alcance. Alguns estudos dentro das áreas de psicologia mostram que a leitura possui uma função terapêutica, por proporcionar a pacificação e o acalento de emoções. O ato de ler o texto literário exerce sobre o indivíduo uma ação tranquilizadora.

Um dos nomes importantes desse meio é o de Caroline Shrodes (1949), que estuda a literatura ficcional e vê nela uma forma de ajudar o homem a se ajustar nos âmbitos pessoais e sociais. Para ela, a literatura ficcional atua dessa forma ao ajudar seu leitor a lidar com conflitos íntimos e com outras pessoas, pois, ao ler, estimula-se o pensamento reflexivo, que guia o indivíduo a agir de forma ativa acerca do problema que o afeta.

A obra literária, ao ser saboreada por meio da leitura, demanda uma apreciação que se concretiza na interpretação e é no ato de interpretar que a função terapêutica se mostra, ao dar a ideia de liberdade ao leitor por exigir dele a atribuição de sentidos e ressignificações ao que é lido. Ler é uma tarefa autônoma e libertária, por dar ao seu leitor a possibilidade de criar e recriar. Goulart (2011) assevera que a leitura se revela de formas muito mais amplas do que se pode imaginar

A leitura não se mostra um ato isolado de um contexto social, nem somente cognitivo, uma técnica aprendida e efetuada sistematicamente. A leitura é capaz de mobilizar valores e sentidos atribuídos por sujeitos atuantes. São modos de ler, que trazem, também, modos de conservação de um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que acontecem em cumplicidade: lê -se com o outro e para o outro (GOULART, 2011, p.34).

A busca por leitura parte de várias razões, lemos por fruição, deleite, para nos informarmos, conhecermos. E essas formas e buscas que nos direcionam à leitura são realizadas com sentidos e ressignificações. Ao entrarmos em contato com uma obra literária atribuímos a ela novos sentidos e interpretações. Nossos olhos convidam-nos a conhecer uma história e, nessa jornada, aprende-se a ver de novos modos e por outras perspectivas.

Ler obras literárias é envolver-se em uma atividade de alteridade. É entrar em um mundo, que não o nosso, movido pelo encanto e assombro e, ao passo que esse movimento de ir ao encontro do livro torna-se constante, mais daquele outro mundo passa a ser carregado como nosso, apropriamo-nos dele. Nesse processo, formamo-nos como indivíduos sensíveis, críticos e aptos a estabelecer encadeamentos entre o que é lido e a possibilidade de transformação em nós e/ou no mundo, mas, sobretudo, em nós mesmos.

2. Os novos espaços de leitura

O contexto atual caracterizado pela falta de interação física, motivada pelo distanciamento social como uma medida sanitária para impedir o aumento de contaminações pela COVID-19, fez-nos procurar novas formas de dar continuidade ao trabalho, estudo, à interação entre pessoas, etc., e nos adaptar a elas. Além disso, o que se escancarou à nossa frente, como um meio eficaz, foi o ambiente virtual, que agora permeia diversas relações sociais. Inúmeras atividades já circulavam e tinham no meio virtual seu suporte para realização antes da pandemia. O que vimos acontecer, no entanto, foi o aumento e um maior alcance de atividades que existiam, mas tiveram um expoente notório crescimento e um elevado engajamento de mais pessoas. Dentre essas atividades que já ocorriam antes da pandemia, há uma em especial que chama a atenção pelo aumento exponencial desde março de 2020: as *lives* e os vídeos acerca da leitura.

Um fato explícito é o aumento dessas atividades e das interações, que se tornaram mais frequentes e contam com um público assíduo e participativo, pois, além de assistirem aos vídeos e *lives*, é possível fazer comentários ao mesmo tempo em que se assiste. Assim, pessoas de diferentes geografias se conectam e interagem em tempo real. Além do contato que estabelecem via *chats* e comentários do Youtube, os seguidores dos canais que discutem acerca da cultura literária também se conectam por meio de outras redes sociais, tal como o Instagram, que ocupa um lugar de continuidade da comunicação e interação entre *booktubers* e seus seguidores.

Um artigo publicado na revista *Licere* (2020), sob o título *Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos*, mostra que a leitura esteve presente em grande parte das recomendações de atividades que poderiam ser realizadas em meio ao isolamento social. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz),³ em uma publicação, recomendou que a leitura, dentre

³ A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição brasileira de ciência e tecnologia, vinculada ao Ministério da Saúde, de grande destaque, principalmente na América Latina. Tem como objetivo “difundir conhecimento científico e

outras atividades indicadas, fosse incluída nos momentos de lazer como uma atividade que auxilia na manutenção da saúde mental (FIOCRUZ, 2020). Diversas pesquisas e recomendações, tal como a da Fiocruz, também sugerem a leitura como uma atividade saudável em meio aos tempos vividos.

Nesse sentido, as *lives* e os vídeos, sobretudo aqueles que se destinam a discutir e/ou promover momentos de leitura, encontraram um solo fértil em meio à pandemia, uma vez que sua forma de transmissão era a única possível e cabível ao período vivido. Plataformas como o Youtube, Instagram e Facebook foram os principais suportes para realização e transmissão das *lives* e dos vídeos e, por meio deles, leitores de diversos lugares se conectavam aos organizadores, que no meio virtual são conhecidos como *youtubers* ou *booktubers*. Ressaltamos que ao longo do trabalho faremos o uso do termo *booktuber*, que se refere às pessoas cujos canais na plataforma Youtube destinam-se a falar sobre livros. O termo também se justifica por se tratar de um termo consagrado pelo uso no meio em que circula.

Os *booktubers* falam de si e de suas leituras, expõem sua vida, suas leituras e as impressões em torno do que leem no meio virtual, atraindo assim pessoas interessadas em leituras e nos mesmos assuntos discutidos por eles. Dessa forma, criando uma grande comunidade que partilha interesses e perspectivas semelhantes no que tange às leituras buscadas e realizadas por eles.

A leitura literária que é proposta pelos *booktubers* geralmente envolve interações via *chat*, que são opções disponibilizadas pelas plataformas digitais. Ao passo que assistem aos vídeos e realizam suas leituras, os leitores/seguidores interagem entre si e com o *booktuber*. As *lives* e os vídeos trazem diferentes modos de leitura e objetivos para elas. Existem canais que propõem momentos de leitura coletiva e síncrona, outros canais apenas dedicam-se a indicar alguns títulos. E ainda tem os que se propõem a resenhar as obras lidas e a partilhar suas análises e opiniões sobre a obra por meio dos vídeos.

A leitura de obras no modo síncrono ocorre num formato interativo, em que uma mesma obra é lida ou de maneira a cada leitor poder escolher o seu livro/título e participar do momento de leitura como uma forma de ler com outras pessoas. Essas *lives* ocorrem com uma duração já combinada entre *youtuber* e seguidores e, ao longo do tempo determinado para a duração da *live*, por exemplo duas horas, *booktubers* destinam intervalos de tempos para a leitura com uma duração previamente estabelecida e algumas pausas entre as leituras para que discutam o que foi lido, a quantidade de páginas lidas e o compartilhamento de suas impressões. No meio em que ocorre, essa prática é conhecida como *sprints* de leitura.

Os *sprints*, outro termo também consagrado pelo uso nas comunidades *booktubers*, pode ser traduzido como um “período curto de atividade intensa”⁴, o *sprint* de leitura deve ser um momento destinado apenas para a leitura e dentro de um tempo determinado, sem distrações.

Outra forma também recorrente das *lives* e dos vídeos que se destinam a discutir e propor leitura é a de indicação de títulos. Geralmente, os *booktubers* que organizam essas *lives* possuem parcerias com editoras. Assim, ao passo que cada obra é sugerida, são dadas também

tecnológico, ser um agente de cidadania”. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/fundacao>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

⁴ Termo extraído do site Medium, no texto intitulado: Gírias do universo literário, de Tamires Romano. O texto elucida os termos mais recorrentes e presentes nas comunidades de leitura literária. Texto disponível em:<<https://medium.com/@tamiresromano/g%C3%ADrias-do-universo-liter%C3%A1rio-53ab69b41ef3>>.

informações e links para a aquisição de tal obra com uma determinada editora. Uma parceria bem recorrente entre os canais é com a Amazon.

Um trabalho também frequente nas *lives* e vídeos é a proposta de resenhar um livro, expondo os pontos positivos e negativos da obra. Essa prática tem se tornado muito comum entre os canais de Youtube e no Instagram, nos quais são compartilhadas as impressões de uma obra após sua leitura e posteriormente esse título é indicado ou não.

Assim, as discussões e proposições dos vídeos e *lives* dos *booktubers* ocorrem em torno do livro, leitura e das relações entre a vida pessoal e o que foi lido, pois no geral os *booktubers* apresentam a sua própria história com a leitura e a proximidade aos livros, uma forma de expressarem e contarem sua paixão pelas obras. Por muitas vezes, nesse processo de expor a vida pessoal, eles atraem para seus canais diversas pessoas cuja história pessoal com a leitura é semelhante. Logo, temos as comunidades *booktubers*, compostas por pessoas de diversas idades e localidades que se aproximam em razão de seus interesses pela leitura e pela proximidade de relação que estabelecem ao longo de suas vidas com o livro.

Um grupo de sociólogos estadunidenses Griswold, McDonnell e Wright (2005) entendem que essas trocas acerca da leitura que ocorrem no ambiente virtual acabam por conceder à leitura a ideia de que ela se constitui a partir de associações coletivas, mesmo que ela seja realizada solitariamente pelo leitor (GRISWOLD, MCDONNELL & WRIGHT, 2005, p.132) e, desse modo, a leitura passa a ser prática social, ainda que feita isoladamente.

Os seguidores e participantes das comunidades *booktubers* compartilham entre si saberes e olhares em que se entremeiam questões afetivas ligadas à leitura. Toda essa troca gera uma produção de sentidos e ressignificação de grande importância, além de incentivo à leitura como uma prática prazerosa. Sobre isso, Colomer aponta que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (COLOMER, 2007, p.143).

Além da ideia de pertencimento a uma comunidade que se relaciona a partir dos pontos de interesse em comum, há um tom muito próximo nas leituras realizadas pelos participantes dos canais destinados à leitura. Os integrantes de uma comunidade literária identificam a leitura como atividade imprescindível à vida. Eles encontram deleite nas obras e também uma nova lente para enxergar e compreender a sociedade na qual estão inseridos.

Dentre os incontáveis comentários deixados nos vídeos e nas participações ao longo das *lives*, é possível, sem muito esforço, ler comentários que demonstram uma relação afetiva com a leitura e com o livro. Sobretudo em meio à pandemia, diversos participantes dos canais literários compartilham suas experiências acerca do alívio que a leitura literária tem trazido ao longo do período de isolamento social, este que trouxe para diversas pessoas a sensação de angústia, pesar, tristeza, dentre outras sensações. Isso se deve pelo aumento dos casos de contágio e também pelo número de óbitos em razão da pandemia.

Seguidor 1 - Nesse momento de quarentena a melhor forma de se transportar para outros lugares é através dos livros ♡ (INTERNAUTA 01, LER ANTES DE MORRER, 2020)

Seguidor 2 - Tenho lido bastante, tem ajudado com a ansiedade (INTERNAUTA 02, LER ANTES DE MORRER, 2020)

Seguidor 3 - Melhor forma de desaparecer nesse momento tão conturbado e assustador que, infelizmente, estamos vivendo. (INTERNAUTA 03, LER ANTES DE MORRER, 2020)

Seguidor 4 - Nesse período os livros são as melhores companhias. (INTERNAUTA 04, LER ANTES DE MORRER, 2020)

Seguidor 5 - A literatura vai fazer um bem danado nessas horas de horror coletivo. (INTERNAUTA 05, LER ANTES DE MORRER, 2020)

Seguidor 6 - Realmente a leitura permite racionalizar, colocar em perspectiva esses momentos de terror. (INTERNAUTA 06, LER ANTES DE MORRER, 2020)

(Comentários extraídos do vídeo de Isabella Lubrano, intitulado: seis livros para ler no isolamento.⁵)

Assim como os relatos deixados como comentários ao longo dos vídeos e *lives*, diversos canais passaram a propor uma programação ou discussões voltadas à leitura como um remédio para os tempos de isolamento. Por meio dos comentários, como uma forma de captar a reação de quem acompanha os canais literários, é possível compreender que muitos dos seguidores nutrem em si uma expectativa em relação aos novos títulos, leituras e análises que partem da comunidade *booktube*. Assim, seguidores e leitores, juntos, constroem o que gostariam de ver, ouvir e discutir.

Considerações finais

Ler em meio à pandemia implica um processo de estabelecer novos vínculos com a leitura e com a rede de pessoas com quem se compartilha os momentos de ler e discutir uma obra. Além disso, os novos espaços que se destinam a propor leituras conjuntas e com interação apontam para um novo cenário onde a leitura, desde a escolha do título, até a discussão da obra, ganha contornos mais pessoais por abranger as relações que marcaram a vida de cada leitor e de como a leitura pode ser mais que mero passatempo.

Os espaços virtuais, além de serem uma alternativa possível para os tempos vividos, têm sido um meio de alcançar leitores e aspirantes a leitores, que – em razão da pandemia – se viram em momentos de desânimo e como consequência se afastaram da leitura. Dentre os motivos de afastamento da leitura está a falta de foco, pois, em resposta aos sentimentos de tristeza, angústia, entre outros, provocados pela crise da pandemia, muitos se sentiram impedidos e desanimados de debruçar-se sobre a leitura. As *lives* e os vídeos dedicados à leitura oferecem

⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbnP5FwkLMo>. Acesso em: 20 mar. 2020

possibilidades de ler a esse público em particular, além da escuta e da interação, com o objetivo de construir um ambiente que lhes seja agradável.

A leitura que é realizada em meio à pandemia é tida por muitos como uma atividade que permite a reflexão do que é viver em meio a um período repleto de privações e de desconforto, sobretudo a leitura de obras que retratam as doenças e pragas que acometeram a sociedade, além das ficcionais, que permitem uma reflexão sobre os aspectos que afetam o ser humano de forma biológica e psicológica, possibilitando um olhar mais analítico para dentro de si.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2. ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. 1. ed. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **Um livro, diferentes modos de ler**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v.29, n.56, p.27-35, 2011.

GRISWOLD, Wendy, Terry MCDONNELL e Nathan WRIGHT (2005), **Reading and the reading class in the twenty-first century**. Annu. Ver. Sociol, 31. Grünewald, R, D, A. (2003). Turismo e e etnicidade. Horizontes antropológicos, v. 9, n. 20, p. 127-141.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Unesp, 2002.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MARQUES, Fernanda. FIOCRUZ -FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de Covid-2019**: a quarentena na Covid-2019, orientações e estratégias de cuidado, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-A-quarentena-na-Covid-19-orienta%C3%A7%C3%B5es-e-e-strat%C3%A9gias-de-cuidado.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

PAULINO, Graça. Leitura literária. In: FRADE, Isabel Cristina Alves *et al.* **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Faculdade de Educação – CEALE. Belo Horizonte, 2014.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RIBEIRO, O. C. F.; SANTANA, G. J. de; TENGAN, E. Y. M.; SILVA, L. W. M. da; NICOLAS, E. A. Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 391–428, 2020. DOI: 10.35699/2447-6218.2020.25456. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley, 1949.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e Leitura**: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.